

Planejamento tático em bibliotecas comunitárias quilombolas: um estudo de caráter exploratório

Tatiana Nascimento de Souza
tnsouza2013@gmail.com

Maria Elisa Almeida Ferreira
m.elisaferreira@hotmail.com

Kauany Kelly Almeida Rocha
kauanyk03@gmail.com

Adelaide Helena Targino Casimiro
adelaide_helena@hotmail.com

Recebido em: 30/04/2026
Aceito em: 18/09/2026

Resumo

As bibliotecas comunitárias, especialmente em territórios quilombolas, configuram-se como espaços de resistência, preservação da memória e promoção da cidadania. Inseridas em contextos de exclusão informacional e cultural, elas desempenham papel fundamental na valorização dos saberes ancestrais e no fortalecimento da identidade étnico-racial. Este artigo apresenta a proposta de um plano tático para a Biblioteca Comunitária Quilombola, concebida como um cenário fictício com fins acadêmicos e metodológicos. O objetivo central é propor ações culturais que integrem leitura, memória coletiva, participação comunitária e preservação das tradições quilombolas, fortalecendo o protagonismo social. A metodologia utilizada fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa, associada à construção de um modelo propositivo baseado em práticas participativas e no planejamento tático adaptado ao contexto comunitário. Os resultados da proposta se materializam em eixos de ação que contemplam a valorização dos saberes ancestrais, o incentivo à leitura, o fortalecimento da identidade cultural, a educação em direitos e a formação da equipe local. O plano busca responder aos desafios apontados pela literatura (como falta de recursos, ausência de formação técnica e invisibilidade das narrativas locais) por meio de estratégias coletivas e adaptáveis. Conclui-se que a Sankofa pode servir como modelo replicável, capaz de inspirar políticas públicas e fortalecer redes de bibliotecas comunitárias, reafirmando seu papel como instrumento de resistência, educação e construção de direitos culturais.

Palavras-chave: biblioteca comunitária; quilombos; planejamento tático; identidade cultural; ações culturais.

Tactical planning in quilombola community libraries: an exploratory study

Abstract

Community libraries, especially in quilombola territories, are configured as spaces of resistance, memory preservation, and citizenship promotion. Inserted in contexts of informational and cultural exclusion, they play a



fundamental role in valuing ancestral knowledge and strengthening ethno-racial identity. This article presents a tactical plan proposal for the Quilombola Community Library, conceived as a fictional scenario for academic and methodological purposes. The main objective is to propose cultural actions that integrate reading, collective memory, community participation, and preservation of quilombola traditions, thus strengthening social protagonism. The methodology is based on bibliographic research and a qualitative approach, associated with the construction of a propositional model grounded in participatory practices and tactical planning adapted to the community context. The results materialize in action axes that include the valorization of ancestral knowledge, reading promotion, cultural identity strengthening, rights education, and local team training. The plan seeks to address challenges identified in the literature (such as lack of resources, absence of technical training, and invisibility of local narratives) through collective and adaptable strategies. It is concluded that Sankofa can serve as a replicable model, capable of inspiring public policies and strengthening community library networks, reaffirming their role as instruments of resistance, education, and cultural rights building.

Keywords: Community libraries; Quilombos; Tactical planning; Cultural identity; Cultural actions.

1 INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas constituem territórios de resistência histórica e cultural, onde memórias, práticas e saberes ancestrais são preservados, mesmo diante das constantes tentativas de apagamento sociocultural. Como observam Reis e Gomes (1996), os quilombos foram e ainda são uma resposta ativa de enfrentamento à ordem colonial e às estruturas de dominação racial. Nesse sentido, os quilombos se configuram como espaços de afirmação identitária, luta por direitos e valorização da diversidade cultural, reforçando a centralidade da memória coletiva e das tradições afro-brasileiras no processo de construção social.

Inseridas nesse contexto, as bibliotecas comunitárias desempenham um papel fundamental enquanto espaços de democratização do conhecimento, de acesso à informação e de fortalecimento do protagonismo social. Ferreira e Siebra (2025) afirmam que as bibliotecas comunitárias são espaços que acolhem saberes, potencializam a leitura como prática social e se constituem como territórios de resistência cultural. Nas comunidades quilombolas, essas bibliotecas transcendem a função tradicional de custódia documental, passando a atuar como agentes de transformação social, fomentando a leitura, promovendo a preservação cultural e apoiando iniciativas de cidadania ativa. Nessa direção, Medeiros (2019) reforça que a biblioteca desempenha um papel central na transmissão do conhecimento e na preservação dos registros históricos e culturais de uma sociedade.

Ao longo da história, os territórios quilombolas têm resistido a múltiplas formas de violência e à negação de direitos, guardando e transmitindo com eficácia saberes, tradições ancestrais, práticas culturais e hábitos cotidianos que reafirmam a legitimidade dos direitos culturais. As bibliotecas comunitárias quilombolas, portanto, apresentam potencial para promover o fortalecimento identitário, o resgate da memória coletiva e o sentimento de pertencimento dos sujeitos que integram essas comunidades. Mais do que guardiães de acervos, são instrumentos de salvaguarda da memória e de projeção da herança cultural no presente e no futuro. Nesse sentido, a função desses locais transcende a mera oferta de livros, sendo considerados instrumentos de reparação histórica. Conforme Makota Cassia Kidoialê em entrevista para Souza (2024, online), “espaços como este deveriam ser acessíveis por direito, como iniciativas de reparação por toda nossa história que, em uma tentativa de apagamento, contribui para o fortalecimento do racismo. A Kilomboteka é um instrumento antirracista”.

Este artigo apresenta uma proposta de plano tático de ações culturais para a Biblioteca Comunitária Quilombola Sankofa. Importa destacar que essa biblioteca é situada em um

território fictício, concebido para fins didáticos e acadêmicos, com o objetivo de subsidiar reflexões e propor instrumentos aplicáveis em contextos reais. A escolha do termo Sankofa, de origem africana, remete ao princípio de revisitar o passado para ressignificar o presente e projetar o futuro, o que reforça a simbologia da proposta.

O projeto parte de um compromisso com a justiça social e com o reconhecimento da importância histórica e cultural das comunidades quilombolas. Por meio da articulação entre tradição e inovação, busca-se consolidar um espaço inclusivo e acessível, onde a cultura e o conhecimento se constituam como ferramentas de emancipação e transformação. A biblioteca é compreendida, assim, não apenas como um ambiente de preservação da memória, mas também como um espaço dinâmico, voltado à construção de um futuro mais equitativo e consciente das riquezas culturais do povo quilombola.

Para desenvolver essa reflexão, o artigo está estruturado em quatro partes. Inicialmente, apresentam-se as motivações, os desafios e as contribuições das bibliotecas comunitárias para as comunidades quilombolas. Em seguida, expõe-se a metodologia adotada para a elaboração da proposta. A terceira parte é dedicada à descrição do plano tático, contemplando ações culturais adaptadas à realidade dessas bibliotecas. Por fim, apresentam-se as considerações finais, nas quais se discutem as contribuições do estudo e as possibilidades de replicação em outros contextos.

A motivação para a realização desta pesquisa decorre da necessidade de visibilizar, organizar e sistematizar estratégias de planejamento cultural em bibliotecas comunitárias quilombolas, que historicamente operam de maneira empírica e com recursos limitados. Ao propor um plano tático, pretende-se contribuir com instrumentos práticos, replicáveis e adaptáveis a diferentes comunidades, reafirmando o papel dessas bibliotecas como espaços de resistência, educação, salvaguarda da memória e transformação social.

2 CONTEXTO, MOTIVAÇÕES, DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS QUILOMBOLAS

As bibliotecas comunitárias emergem, em grande parte, de processos de resistência, solidariedade e mobilização social. São experiências que se enraízam em territórios periféricos e comunidades tradicionais, como os quilombos, constituindo respostas concretas às diferentes formas de exclusão informacional. Nesses espaços, o acesso à informação não se limita a uma dimensão instrumental, mas se converte em prática coletiva de construção de saberes, de preservação da memória e de fortalecimento da cidadania. Como observa Castrillón (2011, p. 83), “as bibliotecas comunitárias ampliam horizontes, fortalecem a cidadania e proporcionam meios para a autonomia das populações atendidas”.

Contudo, essas iniciativas enfrentam obstáculos significativos. A carência de recursos financeiros, a fragilidade do apoio institucional e a ausência de reconhecimento por parte do poder público são barreiras constantes à manutenção e ao desenvolvimento das bibliotecas comunitárias. Medeiros (2019) ressalta que as bibliotecas comunitárias muitas vezes sobrevivem graças ao empenho voluntário de membros da comunidade e à crença na transformação social pela leitura. Essa constatação revela a urgência de políticas públicas que legitimem e sustentem tais experiências, garantindo-lhes visibilidade e condições de continuidade.

Apesar das dificuldades, as bibliotecas comunitárias quilombolas se consolidam como instâncias de transformação social. Mais do que depositárias de acervos, elas assumem a função de guardiãs da memória coletiva, espaços de afirmação da identidade cultural e centros de promoção do protagonismo comunitário. Ao integrarem práticas biblioteconômicas comprometidas com a diversidade étnico-racial, essas bibliotecas não apenas asseguram o acesso à leitura, mas também se configuram como ferramentas de resistência e emancipação social.

Entretanto, em muitos casos, a atuação dessas bibliotecas ocorre sem o respaldo técnico e profissional necessário. Guimarães (2012) alerta que a ausência de formação especializada em gestão de acervos e em práticas biblioteconômicas pode comprometer a organização e a preservação do patrimônio documental das comunidades. Tal realidade exige investimentos em formação continuada, parcerias institucionais e o fortalecimento de redes de apoio capazes de suprir lacunas técnicas e ampliar as possibilidades de atuação.

Outro desafio recorrente é a dificuldade de integração em redes colaborativas. Embora a cooperação e o planejamento participativo sejam considerados, por Gandin (1994), elementos indispensáveis para a sustentabilidade de projetos comunitários, muitas bibliotecas quilombolas ainda operam de forma isolada. Esse isolamento reduz as oportunidades de intercâmbio de experiências, limita a mobilização de recursos e enfraquece a visibilidade necessária para acessar programas de incentivo cultural e políticas públicas de fomento.

Adicionalmente, cabe destacar a relevância simbólica e prática dessas bibliotecas no fortalecimento da autoestima coletiva e na valorização das narrativas locais. Ao atuarem como espaços de preservação da memória e de afirmação cultural, elas contribuem de forma decisiva para o empoderamento social e político das comunidades. Oliveira (2018) salienta que o planejamento estratégico precisa considerar as especificidades locais e as potencialidades culturais de cada território, respeitando suas identidades e práticas ancestrais. Essa perspectiva reforça que as bibliotecas comunitárias quilombolas não devem ser compreendidas apenas como equipamentos de acesso à leitura, mas como espaços vivos de produção cultural, de resistência histórica e de construção de futuros possíveis.

2.1 O PAPEL DAS BIBLIOTECAS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

O termo quilombola refere-se aos descendentes de africanos escravizados que, em busca de liberdade, formaram comunidades autônomas denominadas quilombos, configurando-se como uma das mais expressivas formas de resistência ao regime escravocrata. Reis e Gomes (1996) sublinham que os quilombos foram a mais extensa forma de resistência negra ao sistema escravocrata, espaços de organização, luta e preservação cultural. Atualmente, as comunidades quilombolas são reconhecidas como grupos étnico-raciais com identidade própria, preservando práticas culturais, sociais e religiosas vinculadas a seus ancestrais africanos (Arruti, 2006).

Essas comunidades, inicialmente chamadas mocambos¹, mais tarde passaram a ser conhecidas como quilombos, termo associado ao conceito de acampamento de guerra (Reis; Gomes, 1996). Situadas em regiões de difícil acesso, como florestas, manguezais, cavernas e planaltos, as comunidades quilombolas estruturavam-se estrategicamente como refúgios contra a repressão dos capitães do mato. Conforme observa Almeida (2006), os quilombos foram espaços de autonomia, cujas estratégias de fuga, defesa e alianças políticas garantiram sua permanência e resistência frente à escravidão e à repressão oficial.

Apesar das constantes ameaças externas, os quilombos não apenas sobreviveram, mas desenvolveram formas próprias de organização social, cultural e econômica. Atividades como a produção de farinha de mandioca, a extração de lenha e a confecção de cerâmica tornaram-se fundamentais para a subsistência dessas comunidades, que também construíram redes de trocas e formas de solidariedade interna. Reis e Gomes (1996) enfatizam ainda que o crescimento populacional dos quilombos não ocorreu somente pela chegada de fugitivos, mas também pelo nascimento de novas gerações dentro dessas comunidades, o que reforça sua estabilidade e continuidade histórica.

¹ Palavra de origem africana que significa esconderijo ou local de refúgio (Reis; Gomes, 1996)

A cultura quilombola, marcada por elementos africanos ressignificados na diáspora, manifesta-se em danças, músicas, práticas religiosas e tradições orais, compondo um patrimônio imaterial de grande relevância histórica (Fernandez *et al.*, 2018). Essas práticas não apenas fortalecem a identidade cultural, mas também funcionam como instrumentos de resistência frente às tentativas de apagamento da memória coletiva do povo negro.

Na atualidade, os quilombos permanecem como espaços de resistência política, cultural e social. Além da preservação da memória histórica, essas comunidades reivindicam direitos territoriais, políticas públicas específicas e o reconhecimento pleno de sua identidade. Segundo dados da Fundação Cultural Palmares (2025), existem no Brasil 3.190 comunidades quilombolas certificadas, que abrigam aproximadamente 1,2 milhão de pessoas. Todavia, como alertam Assis *et al.* (2023), a ausência de dados oficiais sistematizados compromete a elaboração de políticas eficazes. Apesar dos avanços legais, como a titulação de terras e o reconhecimento constitucional, persistem dificuldades no acesso a direitos básicos, incluindo saúde, educação, saneamento básico e regularização fundiária, o que compromete a qualidade de vida dessas populações (Almeida, 2006; Franco *et al.*, 2024).

No campo da informação, a exclusão informacional representa outro desafio. Romeiro (2017) observa que grupos social e economicamente vulneráveis, como os quilombolas, são frequentemente marginalizados dos circuitos de circulação de saberes, o que perpetua desigualdades e limita sua participação social. Nesse cenário, a criação e fortalecimento de bibliotecas comunitárias surge como resposta possível. Muitas dessas iniciativas são construídas pela própria comunidade ou apoiadas por voluntários, assumindo o papel de espaços estratégicos para o fortalecimento da cidadania, o desenvolvimento social e a democratização do acesso à informação (Nascimento; Cavalcante, 2024).

A biblioteca, enquanto instituição milenar, tem registros que remontam a cerca de 4.600 anos. Seu surgimento está associado ao desejo humano de registrar e transmitir conhecimentos. Como afirma Medeiros (2019), desde os desenhos rupestres, as inscrições em pedras e ossos, até o advento da escrita há aproximadamente 5.300 anos, observa-se uma contínua busca por conservar e socializar saberes. Essa invenção possibilitou que as sociedades complexas, como as do Egito e da Mesopotâmia, superassem os limites da memória oral e consolidassem formas duradouras de comunicação.

Ao longo da história, as bibliotecas evoluíram de simples repositórios para espaços de democratização do acesso à informação. Santos (2011) destaca que, com o advento da imprensa, as bibliotecas se transformaram progressivamente em ambientes de contestação e, posteriormente, de acesso público ao conhecimento. Essa trajetória reforça o caráter social das bibliotecas, que, para além de guardar acervos, assumem a missão de conservar o patrimônio intelectual, cultural e simbólico da humanidade.

Nesse sentido, Ferreira e Siebra (2025) afirmam que as bibliotecas devem ser compreendidas como agentes de transformação social, ao promoverem a inclusão, o acesso equitativo à informação e o diálogo intercultural. Para os autores, as bibliotecas públicas devem assumir o papel de espaços democráticos onde se articulem as necessidades sociais e culturais da população, principalmente das minorias sociais. Esse entendimento reforça a importância da biblioteca como espaço de formação de leitores críticos e de estímulo ao pensamento autônomo, tornando-se, assim, um instrumento de resistência cultural, política e informacional (Santos *et al.*, 2025).

Além disso, a diversidade de suportes informacionais e os desafios relacionados à preservação diante de fatores ambientais, humanos e tecnológicos motivaram as bibliotecas modernas a desenvolverem práticas de conservação e restauração que asseguram a transmissão de acervos às futuras gerações (Medeiros, 2019).

No caso dos quilombos e de comunidades indígenas, as bibliotecas comunitárias assumem papéis ainda mais específicos. Elas não se limitam ao acesso à leitura, mas configuram-se como guardiãs de saberes tradicionais, de narrativas locais e de práticas ancestrais, ao mesmo

tempo em que fortalecem a identidade cultural. Como observam Nascimento e Cavalcante (2024), ao promoverem a autoestima coletiva e a autonomia intelectual, essas bibliotecas contribuem para a soberania informacional das comunidades, reforçando sua resistência diante da hegemonia cultural dominante.

Assim, compreender o papel das bibliotecas em comunidades quilombolas implica reconhecer que se trata de espaços de memória, identidade e resistência, que articulam passado e presente em prol da preservação cultural e da emancipação social. Mais do que instituições de acesso à informação, são ferramentas políticas que afirmam o protagonismo das comunidades na luta por direitos e no fortalecimento de sua herança cultural.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A busca por compreender a realidade constitui uma inquietação ancestral do ser humano. Ao longo da história, diferentes formas de conhecimento foram desenvolvidas para responder a essa necessidade, como o saber popular (senso comum), o filosófico, o religioso e o científico. Cada um desses tipos de conhecimento possui sua própria lógica e forma de interpretar a realidade, coexistindo ainda atualmente como diferentes maneiras de construir sentidos e explicações sobre o mundo (Gil, 2017).

O conhecimento científico, no entanto, distingue-se dos demais por sua característica factual e sistemática. Ele se fundamenta na observação, descrição, análise e verificação de fenômenos, organizando os resultados de forma lógica e coerente, o que possibilita a formulação de leis e teorias (Lakatos; Marconi, 2017). Nessa perspectiva, a ciência não apenas descreve a realidade, mas busca compreendê-la em sua complexidade, reduzindo incertezas e fornecendo subsídios para a tomada de decisões conscientes.

A pesquisa, por sua vez, configura-se como o caminho metodológico pelo qual o conhecimento científico é construído. Para Pádua (2007), trata-se de toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que nos vai permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento ou um conjunto de conhecimentos que nos auxiliem na compreensão dessa realidade e nos orientem em nossas ações. Gil (2017, p. 17) complementa ao destacar que “a pesquisa é desenvolvida mediante o concurso de conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos”.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e de caráter propositivo, sustentada na construção de um cenário fictício: a Biblioteca Comunitária Quilombola Sankofa. A escolha por um território simbólico, ainda que não materializado na realidade, possui função didática e acadêmica, pois permite projetar, em bases conceituais e teóricas, um plano tático que pode futuramente ser adaptado e implementado em comunidades reais. Essa opção metodológica alinha-se ao que Lakatos e Marconi (2017) apontam como pesquisa exploratória, voltada para a formulação de hipóteses e proposições que contribuam para a solução de problemas concretos.

Para nos afastarmos do caráter meramente especulativo e garantir o rigor metodológico propício para futuras replicações, o cenário fictício foi ancorado na realidade da Comunidade Quilombola do Bângala, situada na zona rural do município de Santo Amaro (BA). Essa localidade possui fortes raízes afro-indígenas e está integrada à dinâmica cultural, social e de resistência da região, servindo de parâmetro factual para a modelagem. Os dados que serviram de insumo para a construção do cenário originaram-se de duas fontes:

- Dados geográficos e cartográficos: as informações referentes aos limites territoriais, à composição do terreno e às condições de isolamento da comunidade tiveram como base o Mapa Municipal de Santo Amaro, publicado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI, 2015). Esses dados foram complementados por informações obtidas durante pesquisa anterior realizada na comunidade quilombola do Bângala, na qual foi empregada a técnica de observação participante (Lakatos; Marconi, 2017). A articulação entre as informações cartográficas e as evidências empíricas possibilitou caracterizar as

condições de infraestrutura, acessibilidade, organização espacial e o contexto socioeconômico da comunidade, servindo de referência para a construção do cenário fictício da Biblioteca Sankofa;

- Contexto sociocultural e técnico: As personas desenhadas e a proposta de tratamento da informação foram amparadas normativamente no Decreto nº 4.887/2003 (Brasil, 2003), que regulamenta a identificação e demarcação das terras quilombolas, e nos Artigos 215 e 216 da Constituição Federal (Brasil, 1988), que garantem os direitos culturais e a salvaguarda do patrimônio imaterial. A realidade observada sobre a vivência cotidiana e a forte tradição oral da comunidade do Bângala serviram para orientar a aplicação prática dessas diretrizes legais na simulação da Biblioteca Sankofa.

As informações provenientes das fontes documentais e da observação participante foram submetidas a uma análise interpretativa, sendo agrupadas em categorias relacionadas à organização comunitária, práticas culturais, circulação da informação, infraestrutura disponível, perfil dos usuários e demandas informacionais. A partir dessas categorias foram construídas as personas representativas da comunidade (anciões, jovens, agricultores, lideranças e crianças), utilizadas como referência para definir os eixos do plano tático, as ações culturais e os mecanismos de participação previstos na Biblioteca Comunitária Quilombola Sankofa.

A metodologia fundamenta-se em pesquisa bibliográfica sobre bibliotecas comunitárias, planejamento estratégico e tático, e ainda sobre a relevância da cultura, da memória e da identidade em comunidades quilombolas. Essa base teórica sustenta a formulação da proposta, permitindo relacionar o papel das bibliotecas com a democratização do acesso à informação e com a preservação dos saberes tradicionais. Para além do caráter informacional, considera-se que tais instituições assumem funções políticas e sociais, especialmente em contextos marcados pela resistência cultural, conforme destacam autores como Ferreira e Siebra (2025) e Fernandez *et al.* (2018).

A construção do cenário fictício da Biblioteca Comunitária Quilombola Sankofa não significa afastamento da realidade, mas sim uma forma de simulação metodológica que permite mapear necessidades comuns, propor soluções contextualizadas e formular diretrizes adaptáveis a diferentes territórios. Essa escolha dialoga com a noção de que as bibliotecas, em especial quando inseridas em contextos de vulnerabilidade, devem refletir as demandas e especificidades culturais da comunidade em que se inserem (Ferreira; Siebra, 2025; Fernandez *et al.*, 2018).

Segundo Chiavenato (2014), o plano tático possibilita transformar diretrizes estratégicas em metas concretas, vinculadas a setores específicos da organização. No caso de uma biblioteca comunitária quilombola, isso significa traduzir valores como memória, identidade e resistência em ações culturais, educativas e informacionais ajustadas ao cotidiano da comunidade. Ainda que o plano tático elaborado neste estudo não tenha sido implementado, ele foi concebido em sintonia com princípios participativos e com o reconhecimento das especificidades culturais e históricas dos quilombos. A proposta busca respeitar o protagonismo da comunidade, evitando modelos padronizados e priorizando estratégias que possam ser replicadas, mas sempre adaptadas às condições locais.

Com base nesse amparo legal, a organização da informação na Biblioteca Sankofa foi desenhada para integrar a catalogação comunitária e o registro de tradições orais como acervo documental (Art. 216 de Brasil, 1988), respeitando a oralidade tradicional sem impor sistemas rígidos de classificação externos (como CDD ou CDU puros) que descaracterizassem o saber local. O diagnóstico participativo previsto no cronograma (Quadro 2) constitui uma etapa futura de implementação do plano tático. Nesta pesquisa ele foi concebido como procedimento metodológico recomendado para adaptação do modelo às especificidades de cada comunidade, não correspondendo a uma etapa efetivamente realizada durante o desenvolvimento deste estudo.

Visando amarrar as diretrizes do planejamento estratégico mencionadas no resumo às ações concretas do plano tático, bem como mapear os desafios práticos e ameaças de implantação do modelo em cenários reais, estruturou-se uma Matriz SWOT para o projeto:

- Forças (Internas): Riqueza da tradição oral; forte identidade cultural e histórica de resistência afro-indígena da comunidade do Bângala;
- Fraquezas (Internas): Riscos de infraestrutura local escassa e limitações geográficas de acesso/isolamento na zona rural;
- Oportunidades (Externas): Mecanismos de fomento e incentivos a fundos de cultura baseados no Art. 216, § 6º da Constituição Federal; integração ao Sistema Nacional de Cultura (Brasil, 1988);
- Ameaças (Externas): Risco de falta de adesão ou resistência inicial por parte de membros da comunidade, barreiras na captação contínua de recursos financeiros e parcerias institucionais de longo prazo.

Assim, a metodologia aqui adotada reforça o compromisso deste trabalho em contribuir para a consolidação das bibliotecas comunitárias como espaços de resistência, memória e emancipação social, reafirmando o papel da informação como direito e como instrumento de afirmação identitária.

4 PROPOSTA DE PLANO TÁTICO PARA AÇÕES CULTURAIS NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA QUILOMBOLA SANKOFA

A proposta do plano tático foi elaborada a partir das categorias analíticas obtidas durante a construção do cenário metodológico. As informações referentes à organização social, práticas culturais, infraestrutura, perfil da população e demandas informacionais foram sintetizados em cinco eixos de atuação, permitindo transformar necessidades identificadas na literatura e nas fontes documentais em ações culturais concretas.

O estudo fundamenta-se em fontes documentais e bibliográficas que permitem compreender as especificidades históricas, sociais e culturais da região, servindo de base para a formulação de ações voltadas ao fortalecimento da memória, da identidade e das práticas comunitárias locais buscando nessa perspectiva, articular a memória coletiva, os saberes ancestrais e a democratização do acesso à informação em um espaço que se pretende inclusivo, participativo e representativo das necessidades locais.

Como destacam Ferreira e Siebra (2025), as bibliotecas, especialmente quando inseridas em contextos de vulnerabilidade, devem assumir um papel de mediação cultural e de transformação social, articulando demandas comunitárias com práticas educativas e culturais. Nesse sentido, a Sankofa se propõe a ser mais do que um espaço de guarda de livros: ela se constitui como território de resistência cultural, memória e fortalecimento identitário, alinhada ao que Fernandez *et al.* (2018) defendem ao considerar a biblioteca como espaço de preservação e difusão de patrimônios imateriais.

O objetivo geral do plano é fortalecer a identidade étnico-racial, promover o acesso democrático à informação e estimular a valorização dos saberes ancestrais por meio de ações culturais. Para alcançar tal finalidade, definem-se metas específicas: estimular a leitura e a produção cultural local; reforçar o sentimento de pertencimento e a memória coletiva; integrar saberes tradicionais com práticas educativas contemporâneas; e incentivar a participação ativa da comunidade nas decisões e atividades da biblioteca. Tais metas dialogam diretamente com o entendimento de Santos *et al.* (2025), ao reconhecer a biblioteca como espaço de formação crítica e de combate à reprodução de ideologias dominantes.

As ações propostas estão organizadas em eixos estratégicos, concebidos de acordo com a realidade quilombola e fundamentados em autores que discutem a centralidade da cultura e da memória como instrumentos de resistência (Reis; Gomes, 1996; Almeida, 2006). A seleção

das ações culturais decorreu diretamente das necessidades identificadas durante a construção do cenário metodológico.

A valorização da tradição oral fundamentou a criação da Roda de Memórias; as demandas relacionadas à formação de leitores subsidiaram o Clube de Leitura Quilombola e a Mochila Literária; enquanto a preservação do patrimônio imaterial justificou ações como o Sarau Sankofa, o Cine Quilombo e a Exposição da Memória Quilombola. Dessa forma, cada ação proposta corresponde a uma necessidade previamente identificada na etapa de modelagem do cenário. Para facilitar a visualização, o Quadro 1 apresenta a sistematização das ações culturais previstas.

Quadro 1 - Proposta de estratégias e ações culturais da Biblioteca Comunitária Quilombola Sankofa

Eixo Estratégico	Ação Cultural	Descrição	Periodicidade	Responsáveis	Indicadores de monitoramento
Valorização dos saberes ancestrais	Roda de memórias	Espaço de escuta para que os mais velhos compartilhem histórias e tradições	Mensal	Mediador cultural e anciões locais	Nº de participantes; nº de relatos registrados; participação de anciões
	Oficina de saberes tradicionais	Atividades sobre ervas, culinária ancestral e artesanato	Bimestral	Articulador cultural e convidados	Nº de oficinas realizadas; nº de participantes; nº de saberes/documentações produzidas ou registradas
Incentivo à leitura	Clube de leitura Quilombola	Leitura e debate de obras afro-brasileiras e de autores negros	Quinzenal	Bibliotecário e jovens leitores	Nº de encontros realizados; frequência média de participantes; nº de obras lidas/discutidas
	Mochila Literária	Circulação de kits com livros nas casas da comunidade	Mensal	Equipe da biblioteca e voluntários	Nº de kits emprestados; nº de famílias atendidas; taxa de devolução dos materiais
Fortalecimento da identidade cultural	Cine Quilombo	Exibição de filmes afrocentrados seguidos de debate	Mensal	Curador e facilitador	Nº de sessões realizadas; público participante; nº de debates promovidos
	Sarau Sankofa	Evento com poesia, música e performances da comunidade	Trimestral	Coordenação cultural e artistas locais	Nº de apresentações culturais; nº de participantes; quantidade de artistas/comunitários envolvidos
Educação para os direitos culturais	Oficina de direitos Quilombolas	Rodas de conversa sobre direitos	Semestral	Educador social e lideranças locais	Nº de oficinas realizadas; nº de participantes; participação de

		territoriais e culturais			lideranças comunitárias
Formação da equipe local	Capacitação em gestão de bibliotecas	Formação técnica para voluntários e moradores	Anual	Parceiros institucionais e bibliotecários	Nº de participantes certificados; carga horária ofertada; percentual de permanência dos voluntários na biblioteca após a capacitação

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A operacionalização dessas atividades está orientada pela concepção de plano tático discutida por Chiavenato (2014), segundo a qual os objetivos estratégicos de uma organização são traduzidos em ações concretas, vinculadas a setores específicos. No caso da Sankofa, o que se projeta é a tradução de princípios como memória, resistência e identidade em práticas culturais regulares que valorizem a oralidade, a produção artística e a leitura.

Para garantir a efetividade do plano, são propostos indicadores de avaliação que permitem monitorar o impacto das ações, tais como o número de participantes, a diversidade etária e de gênero dos envolvidos, a produção de registros audiovisuais, o feedback comunitário e o grau de participação da população na gestão e organização da biblioteca. Esse acompanhamento contínuo reforça a perspectiva defendida por Romeiro (2017), ao apontar que a inclusão informacional requer mais do que acesso: exige a participação ativa dos sujeitos na construção do espaço cultural.

As parcerias constituem também elemento essencial para a sustentabilidade da proposta. Universidades, coletivos culturais negros, associações quilombolas, escolas locais e Pontos de Cultura podem colaborar na formação técnica, no apoio pedagógico e na oferta de recursos materiais e humanos. Essa articulação com diferentes atores sociais fortalece o caráter comunitário e colaborativo da biblioteca, conforme sugerem Nascimento e Cavalcante (2024) ao enfatizar que bibliotecas comunitárias se consolidam na medida em que mobilizam redes de apoio e parcerias. A proposta de cronograma de execução anual, exposto no Quadro 2, busca distribuir as atividades ao longo do ano, equilibrando momentos de formação, encontros culturais e avaliação participativa.

Quadro 2 - Proposta de cronograma anual das ações da Biblioteca Comunitária Quilombola Sankofa

Mês	Proposta de ações
Janeiro	Diagnóstico participativo e escuta comunitária
Fevereiro	Oficina de Saberes Tradicionais e Cine Quilombo
Março	Clube de Leitura e Oficina de Direitos Quilombolas
Abril	Roda de Memórias e Sarau Sankofa
Maiο	Mochila Literária e Oficina de Gestão da Biblioteca
Junho	Clube de Leitura e Cine Quilombo
Julho	Oficina de Saberes Tradicionais e Roda de Memórias
Agosto	Sarau Sankofa e Mochila Literária
Setembro	Cine Quilombo e Clube de Leitura
Outubro	Oficina de Saberes Tradicionais e Formação de Leitores Mediadores

Novembro	Sarau Sankofa e Exposição da Memória Quilombola
Dezembro	Avaliação coletiva e Celebração cultural comunitária

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A flexibilidade prevista no plano permite sua adaptação às transformações da comunidade, preservando o protagonismo dos sujeitos quilombolas no processo de construção e execução. Essa característica é fundamental, uma vez que, como reforçam Nascimento e Cavalcante (2024), bibliotecas em comunidades tradicionais não podem ser vistas como estruturas alheias, mas como espaços vivos que preservam a memória coletiva e fortalecem a soberania informacional de seus povos.

Assim, a Biblioteca Comunitária Quilombola Sankofa se consolida como espaço de resistência, educação e fortalecimento identitário, articulando práticas culturais diversas que valorizam tanto o patrimônio ancestral quanto a produção contemporânea da comunidade. O plano tático aqui proposto constitui, portanto, uma estratégia para integrar cultura, memória e informação em um projeto coletivo que reafirma os direitos culturais e o protagonismo quilombola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou a elaboração de um plano tático de ações culturais para a Biblioteca Comunitária Quilombola Sankofa, concebida como um território fictício, mas fundamentada em demandas e práticas reais vivenciadas pelas comunidades quilombolas. A Sankofa foi projetada como um espaço de participação coletiva, diálogo e fortalecimento da memória, reafirmando o papel das bibliotecas comunitárias como instrumentos de resistência e transformação social.

O plano tático aqui descrito foi desenvolvido a partir da escuta ativa das necessidades comunitárias (simuladas no exercício metodológico), mas amparado por referenciais teóricos que destacam a relevância das bibliotecas enquanto espaços de emancipação. Reis e Gomes (1996) lembram que os quilombos sempre se constituíram como respostas ativas de enfrentamento às estruturas de dominação, e, nesse sentido, a biblioteca comunitária pode se tornar uma continuidade desse movimento histórico de resistência.

Ao propor ações como rodas de memórias, clubes de leitura, oficinas de saberes tradicionais e práticas de educação em direitos culturais, buscou-se alinhar a teoria com a prática, garantindo que a biblioteca não fosse apenas um espaço de guarda do acervo, mas, conforme ressalta Castrillón (2011), um território vivo de circulação de saberes e de afirmação identitária. Essas ações, além de favorecerem o acesso à informação e à leitura, reforçam a valorização da cultura afro-brasileira e dos saberes ancestrais, fortalecendo a identidade coletiva das comunidades quilombolas.

O plano tático também ressalta a importância da gestão comunitária e participativa, aspecto apontado por Gandin (1994) como condição essencial para a sustentabilidade de projetos sociais. Além disso, ao considerar formações técnicas para moradores e voluntários, o trabalho responde à preocupação de Guimarães (2012) sobre a ausência de capacitação em muitas bibliotecas comunitárias, que pode comprometer a preservação e o uso adequado dos acervos.

Espera-se que a proposta possa servir como modelo flexível, adaptável e replicável, permitindo sua aplicação em diferentes comunidades quilombolas e contextos periféricos. Mais do que oferecer um conjunto de atividades, este artigo pretende contribuir para a reflexão sobre a necessidade de políticas públicas e parcerias institucionais que sustentem o trabalho das bibliotecas comunitárias, garantindo recursos, apoio técnico e reconhecimento do seu papel estratégico.

Por fim, reforça-se que o projeto simboliza um compromisso com a valorização da memória coletiva, a defesa dos direitos culturais e a construção de futuros mais justos e inclusivos. Ao resgatar tradições e integrá-las a práticas educativas e culturais contemporâneas, a biblioteca se torna um espaço de encontro entre passado, presente e futuro, oferecendo às comunidades quilombolas ferramentas para fortalecer sua identidade e enfrentar os desafios sociais de maneira coletiva e consciente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. **Terras de quilombos, terras indígenas, “babaquais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto**: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA/UFAM, 2006.

ARRUTI, J. M. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.

ASSIS, T. S. *et al.* Políticas Públicas e Comunidades Quilombolas: avanços e desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, G. A. L. *et al.* **Educação, saúde e direitos humanos**: abordagens que promovem qualidade de vida, Campo Grande: Editora Inovar, 2023. Disponível em: <https://www.editorainovar.com.br/omp/index.php/inovar/catalog/book/1026>. Acesso em: 20 out. 2025.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 126, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 31 jul. 2026.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília: **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 140, 21 nov. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 31 jul. 2026.

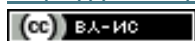
CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011. 100p.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. 9. ed. Rio de Janeiro: Manole, 2014.

FERNANDEZ, C. *et al.* **O Brasil que lê**: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores. Olinda-PE: CCLF, 2018. Disponível em: <https://rnbc.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Ebook-OBrazilquele.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

FERREIRA, F. B.; SIEBRA, S. A. A biblioteca pública como agente de transformação social. **Brazilian Journal of Development**, v. 11, n. 5, 2025. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/79480>. Acesso em: 20 out. 2025.

FRANCO, C. M. G. *et al.* A legalização quilombola: uma história ainda a ser contada. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, v. 13, n. 2, 2024. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/778>. Acesso em: 21 out. 2025.



FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certificação Quilombola**: comunidades certificadas. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/certificacao-quilombola>. Acesso em: 20 out. 2025.

GANDIN, D. **A prática do planejamento participativo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, F. S. **Mocambos e Quilombos**: Uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GUIMARÃES, L. Preservação de acervos culturais. In: SILVA, M. C. S. M. **Segurança de acervos culturais**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MEDEIROS, A. L. As bibliotecas na Antiguidade. **Memória e Informação**, v. 3, n. 2, p. 69-85, 2019. Disponível em: <https://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/90>. Acesso em: 20 out. 2025.

NASCIMENTO, M. L. G.; CAVALCANTE, L. E. Bibliotecas Comunitárias, Mediação Cultural e Literária. **Informação & Informação**, v. 29, n. 2, p. 197–224, 2024. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/51098>. Acesso em: 20 out. 2025.

OLIVEIRA, D. P. R. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia e práticas. 34. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

REIS, J. J.; GOMES, F. S. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROMEIRO, N. L. Programa para o desenvolvimento de competência em informação em comunidade quilombola: foco na formação em biblioteconomia. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2017. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/46>. Acesso em: 20 out. 2025.

SANTOS, J. *et al.* A Biblioteca Pública brasileira sob o paradigma social da Ciência da Informação: por uma práxis engajada e de combate à desigualdade social. **Em Questão**, v. 31, 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/142702>. Acesso em: 20 out. 2025.

SANTOS, J. M. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 6, n. 1, p. 50–61, 2011. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/132>. Acesso em: 20 out. 2025.

SOUZA, M. Biblioteca exclusiva para obras de autores negros é criada em quilombo: primeira biblioteca dedicada à literatura negra é inaugurada em Belo Horizonte; projeto permite reflexão sobre obras e pesquisas de autores negros. **Correio Braziliense**, Brasília, 12 jun. 2024. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/cultura/2024/06/6876191-biblioteca-exclusiva-para-obras-de-autores-negros-e-criada-em-quilombo.html>. Acesso em: 01 out. 2025.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI). **Mapa Municipal de Santo Amaro**. Salvador: SEI, 2015. Disponível em:

https://ftp.sei.ba.gov.br/Geoinformacao/mapas/munic/vigente/mapa_com_descritivo_atual_2928604.pdf. Acesso em: 31 ago. 2026.